

DN 12.4.67

# Em Berlim Oriental

**F**OI no primeiro dia do outono que visitamos Berlim Oriental. Como o carro tem chapa diplomática a demora na barreira é pequena, e nem na ida nem na volta nenhum soldado pede para examinar seu interior. Visitamos longamente os museus, e depois o monumento aos mortos; passeamos pela Avenida Carlos Marx, muito bonita como avenida, mas monótona na arquitetura convencional de seus edifícios todos mais ou menos iguais. Os socialistas que querem construir um mundo nôvo são estranhamente retardados em matéria de construção arquitetônica; mas aqui e ali alguns prédios mais recentes parecem indicar que novos artistas já conseguem vencer essa barreira de academismo.

Falaram-nos tanto no contraste das duas Berlim que êle é menor do que esperávamos. Não há, certamente, na parte oriental, o brilho urbano da outra, a agitação das grandes lojas e das casas de luxo; mas tudo é limpo e ordenado, o comércio funciona normalmente, a gente que vemos na rua está bem vestida, bem abrigada e bem calçada, e não parece mais triste nem mais alegre que a do outro lado. Crianças vão para as escolas, grupos invadem os museus capitaneados por guias faladores, senhoras compram peixes, verduras ou suco de frutas e, para os turistas rápidos que somos, sem nenhuma intenção a não ser a de um rápido passeio, a impressão é apenas de modéstia. O contraste será certamente maior à noite, quando a triste, quando a triste austeridade dêste lado deve ser abafante em face das luzes e do movimento da vida noturna do Oeste. É com certeza para agravar isso que freqüentemente os ocidentais lançam nos céus, como vimos mais de uma vez, brilhantes e estrondosos fogos de artifícios...

Circulamos com tôda liberdade; mas o cônsul do Brasil em Berlim Ocidental, que é nosso gentil guia, nos explica que pode entrar quando quiser em Berlim Oriental, mas

não no resto da Alemanha comunista; para isso precisaria pedir visto no passaporte. O curioso é que os alemães da República Federal também podem visitar Berlim Oriental — mas não os moradores de Berlim Ocidental, a não ser alguns médicos especialistas e poucos outros privilegiados. Não é do Ocidente para o Oriente, é do Oriente para o Ocidente que o muro é difícil de transpor. Contam-nos histórias tristes de gente que foi fuzilada ao tentar passar o muro: a mãe de família que se lançou de uma alta janela, o rapazinho que ficou gemendo sem socorro até morrer; são histórias pungentes, e respeito a tristeza e o luto das famílias divididas pelo muro, mas me recuso a chorar a sorte da Alemanha dividida: penso nos milhões de seres humanos que foram torturados e assassinados aqui, ou que a guerra matou em outras terras no tempo em que a Alemanha estava unida, excessivamente unida em torno de um chefe...

É junto ao último reduto dêsse chefe que paramos agora: "aqui é a Chancelaria de Reich..." Olhamos, não vemos chancelaria nenhuma. Há apenas um campo de relva, com árvores ainda jovens plantadas. Em Berlim inteira, de um lado ou de outro, é difícil ou impossível encontrar uma árvore velha: as que sobraram da guerra foram cortadas e queimadas como lenha pela população, nos invernos terríveis do pós-guerra. Junto a uma pequena elevação também coberta de capim, alguém plantou um álamo e uma castanheira, que não terão mais de cinco ou seis anos. Aquela pequena elevação cobre os restos do abrigo antiaéreo de cimento demasiado pesado e forte para que valesse a pena arrasá-lo a dinamite. Aqui, Hitler se matou, depois dos últimos dias de loucura e ferocidade, como fera acuada; aqui êle foi queimado. Olhamos: a relva, algumas árvores, mais nada. Perto, algumas crianças encapotadas, de carinhas coradas pelo frio dêste primeiro vento do outono, saltam e riem. Faz frio. Vamos embora.

M 555 - 8.12.62